

PERFIL DEMOGRÁFICO E SÓCIO-ECONÔMICO DO ESTUDANTE DE ENFERMAGEM DA UECE

Maria Sállete Bessa Jorge²⁵

Maria Luciana Teles Holanda²⁶

RESUMO: O estudo aborda as principais características dos alunos de enfermagem em relação aos aspectos demográficos, mobilidade geográfica, nível de instrução, frequência a outro curso superior, informação sobre a carreira, entre outros itens. Para a coleta de dados, utilizamos questionário com perguntas abertas e fechadas. A análise dos dados pautou-se nas respostas dos alunos, tendo como direcionamento uma visão crítica desses dados, os quais foram compilados em forma de tabelas. Os resultados da pesquisa revelaram que a maioria dos alunos de enfermagem é do sexo feminino (88,8%); 57% são procedentes de Fortaleza e 60,2% vivem ainda sob a tutela dos pais. Dos alunos da pesquisa, 18,7% dos pais têm Curso superior completo e 88,4% moram em casa alugada.

UNITERMOS: Perfil - Estudante de enfermagem

INTRODUÇÃO À QUESTÃO DA PESQUISA

O estudo tem como objetivo caracterizar o perfil do estudante de enfermagem da Universidade Estadual do Ceará, no que se refere às características demográficas, bem como outros aspectos inerentes a esse contexto, envolvendo a origem do aluno e da família. Para tanto, a definição de Perfil profissional deve ser coerente com a ideologia, vocação, políticas sociais e as necessidades de saúde da população que direcionam a organização dos serviços de saúde.

Essa preocupação de conhecer o perfil dos alunos não interessa somente aos sujeitos sociais enfermeiros-docentes da Universidade em questão, mas delinea o pensar de outros pesquisadores envolvidos no processo de ensino-aprendizagem: Nakamae (1989); BOLL (1988) Manzolli & Monteleone (1977) e Rolin et al (1993), cuja abordagem tem a dimensão de subsidiar o processo ensino-aprendizagem, visando a formação do futuro enfermeiro, adequando-o à realidade das necessidades de saúde da população.

²⁵ Enfermeira. Professora da Universidade Estadual do Ceará. Doutoranda em enfermagem da EERP/EE/USP

²⁶ Aluna bolsista da UECE do 6º semestre de Enfermagem

Nesse sentido, *Nakamae* (1988, 1989) considera que o processo educacional apresenta adequacidade na medida em que o educador leva em consideração os dados relativos às características dos alunos. Contudo, percebemos que, na maioria das vezes, essas questões deixam de ser valorizadas, dando lugar a outras de menor importância para o ser humano.

Consideramos que esses aspectos assumem relevância no momento da reformulação curricular, tendo como base acurada a análise do papel do enfermeiro na sociedade, de suas funções e do perfil profissional esperado pela sociedade, aspectos dinâmicos que se encontram em constante evolução. No entanto, o perfil do profissional representa o eixo norteador da estrutura dos planos de ensino e da seleção de experiências de aprendizagem, bem como da organização e avaliação do desempenho na prática.

A idéia deste estudo surgiu a partir da inquietação de melhor conhecer os estudantes que optavam pelo Curso de Enfermagem, a fim de compreendê-los no contexto universitário.

METODOLOGIA

Este estudo baseou-se em dados de uma amostra de estudantes de enfermagem, questionados no mês de Março de 1993, do 1º ao 9º semestres do Curso, colhidos por bolsistas da pesquisa. Tivemos dois momentos de coleta de dados em virtude da Instituição Universitária realizar ingressos desses alunos duas vezes por ano. As amostras, embora coletadas em períodos diversificados, obedeceram aos mesmos critérios básicos. O primeiro consistiu em selecionar os alunos que estavam cursando Enfermagem naquele momento e os que ingressaram através do vestibular no 2º semestre de 1993. Nesta primeira etapa escolhemos alunos do 1º ao 9º semestre do Curso de Enfermagem, para podermos incluir na amostra alunos com vivência universitária e, portanto, mais categorizados para opinarem sobre suas perspectivas profissionais e expressarem seu ponto de vista acerca do mercado de trabalho que os aguarda. O segundo critério foi o aluno presente na ocasião da aplicação do questionário e não o universo dos alunos matriculados. A coleta dos dados foi realizada em dias letivos regulares e em horários intercalados de acordo com a disponibilidade do aluno e do professor.

Os dados amostrados foram coletados através de um questionário contendo 32 perguntas, para o qual se tomou por base a pesquisa de *Nakamae* (1989). O questionário continha dados, como: idade, sexo, nível de instrução, frequência a cursinhos, vestibulares para outros cursos, situação econômica atual do estudante, ocupação remunerada, tipo de auxílio financeiro que recebe, razões da opção pelo curso, entre outros. O instrumento foi distribuído em salas de aula e recolhidos imediatamente após

seu preenchimento, sem contudo ser limitado o tempo disponível para as respostas. Procurou-se motivar o aluno, explicando-se-lhe o propósito do trabalho. As dúvidas eram respondidas à medida que surgiam e durante o preenchimento do instrumento.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados foram analisados à luz dos dados coletados e serão apresentados a seguir:

TABELA 1. Alunos por sexo e semestre que cursaram Enfermagem em 1993 na UECE

Sexo	1º Sem		2º Sem		3º Sem		4º Sem		5º Sem		6º Sem		7º Sem		8º Sem		9º Sem		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%														
Masculino	11	18,9	2	5,3	1	5,8	2	7,1	4	9,7	5	17,2	4	19,0	2	8,3	-	-	31	11,2
Feminino	47	81,1	36	94,7	16	94,2	26	92,9	37	90,3	24	82,8	17	81,0	22	91,7	21	100	246	88,8
Total	58	100,0	38	100,0	17	100,0	28	100,0	41	100,0	29	100,0	21	100,0	24	100,0	21	100	277	100,0

A tabela 1, mostra que 246 (88,8%) dos alunos pesquisados são do sexo feminino, tendo atingido no 9º semestre, 100% do grupo amostrado.

A origem da profissão de enfermagem é predominantemente feminina. A sociedade colonial brasileira excluía os direitos de cidadania para uma grande maioria da população, composta de negros, pobres, doentes e de mulheres. A família brasileira era patriarcal e autoritária; mulheres e crianças eram subservientes aos homens privilegiados e dominantes.

A posição da mulher é “distintamente inferior, tanto social como psicologicamente. Como mãe e esposa, o seu mundo está centralizado em servir o marido, cuidar das crianças... Quando existem decisões importantes a serem tomadas, o julgamento do marido é dominante e final” (Pires, 1989).

Ferreira-Santos (1973) aponta que a profissionalização da mulher através da enfermagem é congruente com os papéis femininos de subordinação aos papéis masculinos, posição esta que coincide com a assimetria vigente na sociedade brasileira contemporânea, que conserva traços da estrutura patriarcal; portanto, a analogia das representações acerca dos papéis da enfermeira e dos papéis maternos reflete-se na concepção da enfermagem como espécie de extensão profissionalizada dos papéis maternos. Essas concepções sobre a enfermagem, que acomodam os papéis profissionais e domésticos da mulher, baseados nas características essenciais para ambos, funcionam paralelamente como elementos negativos na eventual escolha da ocupação por homem.

Tabela 2. Distribuição dos alunos de Enfermagem por idade- UECE, 1993

Idade	1º Sem		2º Sem		3º Sem		4º Sem		5º Sem		6º Sem		7º Sem		8º Sem		9º Sem		Total	
	Nº	%	Nº	%																
< 20	48	82,6	18	47,4	2	11,8	5	17,8	3	7,3	1	3,5	-	-	-	-	3	14,3	80	28,9
20-21	7	12,0	9	23,8	7	41,2	13	46,5	13	31,7	14	48,3	3	14,3	2	8,3	8	38,1	76	27,5
22-23	1	1,8	7	18,4	3	17,6	5	17,8	15	36,6	7	24,1	5	23,8	7	29,2	6	28,7	57	20,6
24-25	1	1,8	1	2,6	1	5,9	1	3,6	3	7,3	2	6,9	5	23,8	4	16,7	1	4,7	19	6,8
26-27	-	-	-	-	-	-	2	7,2	2	4,9	1	3,5	1	4,7	5	20,8	-	-	12	4,3
28-29	1	1,8	1	2,6	2	11,8	1	3,6	1	2,5	1	3,5	3	14,3	2	8,3	2	9,5	13	4,7
> 29	-	-	1	2,6	2	11,8	1	3,6	2	4,9	3	10,3	4	19,1	4	16,7	1	4,7	19	6,8
SR	-	-	1	2,6	-	-	-	-	2	4,9	-	-	-	-	-	-	-	-	1	0,4
Total	58	100	38	100	17	100	28	100	41	100	29	100	21	100	24	100	21	100	277	100

Observa-se, na tabela 2, que a maior concentração de alunos está na faixa etária menor de 20anos (28,9%). *Nakamae & Costa (1988)* apontam que dos alunos das escolas de enfermagem particulares em São Paulo, amostrados em 1988, 55% encontravam-se nas faixas etárias mais altas e, portanto, com razoável atraso na sua vida escolar. Essa diferença de faixa etária dos alunos que cursam a Universidade Particular, provavelmente acontece devido à problemática social do estudante, que é a dificuldade de ingressar no 1º Grau com a idade escolar estabelecida pelo Conselho de Educação (7anos). Com isso, ele perde a oportunidade de concorrer com alunos de "status" sócio-econômico mais elevado, de conviver ainda na mesma fase de adolescência, pois, nesse momento, já está participando com atividades econômicas necessárias para ajudar no sustento da família e no auto-sustento. Portanto, a única alternativa é tentar uma vaga na Universidade particular.

Percebe-se que a maioria dos alunos que estão cursando Enfermagem em 1993 na UECE é constituída de jovens, compreendidos em uma faixa de menos de 20anos a 25anos. Idade considerada por muitos autores como final da adolescência, entre 18 e 20anos, quando o jovem torna-se legalmente capaz de assumir responsabilidades de trabalho. (COMITÊ DE TÉCNICOS DA ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, 1975). *Schmiedelk (1979)* afirmou que é nessa fase que o jovem, utilizando o pensamento forma, tem capacidade intelectual para entender conceitos hipotéticos e abstratos, projetando-os para si mesmos.

Caldas (1991) afirmou que a adolescência não é somente uma fase estanque do desenvolvimento como é preconizado por muitos, mas sim um tempo, uma forma de viver e um modo de ser no mundo, não se podendo, portanto, demarcar idades exatas para situá-las e nem tão pouco um conceito absoluto ou uma definição universal que, categoricamente, exprima o que é ser adolescente.

Tabela 3. Distribuição dos estudantes da pesquisa do 1º ao 9º semestre segundo sua origem. 1993

Origem	1º Sem		2º Sem		3º Sem		4º Sem		5º Sem		6º Sem		7º Sem		8º Sem		9º Sem		Total			
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%		
Acre	-	-	-	-	-	-	-	-	2	4,8	2	6,9	-	-	-	-	-	-	-	-	4	1,5
Alagoas	-	-	-	-	-	-	-	-	1	2,5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	0,4
AM	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	4,2	-	-	-	-	1	0,4
Bahia	1	1,7	1	2,6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	0,7
Ceará	49	84,5	31	82,0	16	94,1	26	93,0	30	73,3	25	86,1	19	90,5	21	87,5	18	86,0	235	85,0		
MA	1	1,7	-	-	-	-	-	-	1	2,5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	0,7
Piauí	2	3,5	-	-	1	5,9	1	3,5	1	4,8	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	1,8
Pará	-	-	-	-	-	-	-	-	2	4,8	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	0,7
RN	-	-	2	5,0	-	-	-	-	1	2,5	1	3,5	2	9,5	-	-	-	-	-	-	6	2,2
RJ	3	5,2	1	2,6	-	-	1	3,5	-	-	1	3,5	-	-	-	-	-	-	-	-	6	2,2
RS	-	-	1	2,6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	0,4
SP	1	1,7	1	2,6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	0,7
SR	1	1,7	1	2,6	-	-	-	-	2	4,8	-	-	-	-	2	8,3	3	14,0	9	3,3		
Total	58	100	38	100,0	17	100,0	28	100	41	100	29	100	21	100	24	100	21	100	277	100		

Legenda: AM- Amazonas; MA - Maranhão; RN - Rio Grande do Norte; RJ - Rio de Janeiro; RS-Rio Grande do Sul, SP - São Paulo; SR - Sem referência

Observa-se, na Tabela acima, que 235 (85,0%) dos alunos amostrados são provenientes do Ceará, enquanto 32 (11,5%) são de outros Estados brasileiros. Esse quantitativo de alunos do Estado do Ceará é elevado em virtude de, sendo eles de origem do referido Estado, não necessitarem deslocar-se com a finalidade de ingressarem em uma Instituição de nível superior, já que tiveram a oportunidade ímpar.

Tabela 4. Distribuição dos estudantes do 1º ao 9º semestre, segundo o local de residência. 1993

Residência	1º Sem		2º Sem		3º Sem		4º Sem		5º Sem		6º Sem		7º Sem		8º Sem		9º Sem		Total			
	Nº	%	Nº	%																		
Casa dos pais	52	89,8	23	60,5	9	52,9	19	68,0	27	66,0	14	48,3	9	42,8	11	45,8	11	52,4	167	60,3		
Sozinho	2	3,4	1	2,6	1	5,8	-	-	3	7,3	2	6,9	1	4,8	1	4,4	1	4,7	12	4,3		
Cônjuge	1	1,7	4	10,5	1	5,8	3	10,6	3	7,3	6	20,7	7	33,3	4	16,6	4	19,1	32	11,6		
Pensão	1	1,7	1	2,6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	0,7
Parente	1	1,7	7	18,6	5	29,7	6	21,4	6	14,6	6	20,7	3	14,3	4	16,6	4	19,1	51	18,4		
Republica	1	1,7	1	2,6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	0,7
SR	-	-	1	2,6	1	5,8	-	-	2	4,8	1	3,4	1	4,8	4	16,6	1	4,7	11	4,0		
Total	58	100	38	100	17	100	28	100	41	100	29	100	21	100	24	100	21	100	277	100		

Pela amostra estudada, evidencia-se que os estudantes universitários ainda estão vivendo sob a tutela dos pais, 167 (60,3%), ou com parentes, 51(18,4%), enquanto 12 (4,3%) desses alunos de enfermagem moram sozinhos e 02 (0,7%) em república. Isso vem corroborar a idéia de que poucos são os alunos que se emanciparam da tutela dos pais, perfazendo um total de 16 (5,8%), que representa uma parcela muito pequena em relação à amostra total. Esses dados indicam a persistência de traços culturais paternalistas, de proteção absoluta aos filhos, tirando a iniciativa deles próprios tomarem suas próprias decisões e decidirem sobre os destinos de sua vida. Esse quadro revela a supervalorização dada ao curso superior, de que só através dele é possível emancipar-se, ter projeção social e estabilidade profissional,

Tabela 5. Distribuição dos estudantes do 1º ao 9º semestre de Enfermagem quanto à situação de moradia dos pais e alunos. 1993

Residência	1º Sem		2º Sem		3º Sem		4º Sem		5º Sem		6º Sem		7º Sem		8º Sem		9º Sem		Total	
	Nº	%	Nº	%																
Própria	49	84,5	36	94,7	16	94,1	24	85,7	33	80,5	25	86,2	21	100	22	91,6	17	80,9	245	88,4
Alugada	9	15,5	2	5,3	1	5,9	4	14,3	8	19,5	4	13,8	-	-	2	8,4	4	9,1	29	10,4
SR	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	9	1,2
Total	58	100	38	100	17	100	28	100	41	100	29	100	21	100	24	100	21	100	277	100

Legenda: SR - sem referência

Pelos dados amostrados na Tabela 5, percebe-se que a maioria dos alunos reside em casa própria, 245 (88,4%) e uma pequena parcela reside em casa alugada, 29 (10,4%). Tomando tais informações como um dos índices de "status" sócio-econômico, identifica-se que os estudantes estão em uma classe privilegiada, pois a maioria do povo brasileiro ainda não possui um teto para morar.

Tabela 6. Alunos que estudaram em cursinho para ingressar na Universidade - 1993

Cursinho	1º Sem		2º Sem		3º Sem		4º Sem		5º Sem		6º Sem		7º Sem		8º Sem		9º Sem		Total	
	Nº	%	Nº	%																
Sim	30	51,7	16	64,7	11	64,7	15	53,5	17	41,0	13	44,8	9	41,8	10	41,6	8	38,0	129	46,5
Não	26	44,8	6	35,3	6	35,3	12	42,8	24	59,0	16	55,2	12	58,2	10	41,6	12	57,1	134	48,3
SR	2	3,5	-	-	-	-	1	3,7	-	-	-	-	-	-	4	16,8	1	4,9	14	5,2
Total	58	100	38	100	17	100	28	100	41	100	29	100	21	100	24	100	21	100	277	100

A maioria dos alunos amostrados não frequentou cursinho para ingressar na Universidade Estadual do Ceará, 134 (48,3%). Isso provavelmente decorre de os alunos possuírem um poder aquisitivo melhor, tendo estudado em colégios particulares, ou pelo próprio esforço. Desses dados, ainda pode-se perceber que 129 (46,5%) dos alunos da pesquisa estudaram em cursinho.

Para Nakamae (1989)⁷, esses estudantes que buscam os “cursinhos preparatórios, provavelmente o fazem em virtude da maior exigência nos exames vestibulares para ingresso, como também pela possível deficiência nos cursos de 2º Grau do País.

Tabela 7. Alunos de enfermagem que prestaram vestibular para outros cursos em outras instituições de Nível Superior. 1993

Vestibular	1º Sem.		2º Sem.		3º Sem.		4º Sem.		5º Sem.		6º Sem.		7º Sem.		8º Sem.		9º Sem.		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Sim	55	94,8	32	84,2	17	100	23	82,3	17	41,4	26	89,6	20	95,2	21	87,5	18	86,7	229	82,6
Não	3	5,2	3	7,9	-	-	3	10,7	24	58,6	3	10,4	1	4,8	3	12,5	3	13,3	43	15,6
SR	-	-	3	7,9	-	-	2	7,2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	1,8
Total	58	100	38	100	17	100	28	100	41	100	29	100	21	100	24	100	21	100	277	100

Legenda SR-sem referência

A Tabela 7 mostra que 229 (82,6%) dos alunos de enfermagem amostrados prestaram vestibular para outros cursos. O fato de terem ou não prestado vestibular para outro curso é apontado por Pastore & Perosa (1971) como “grau de certeza” que os estudantes possuem de sua opção por um determinado ramo. Entre os alunos amostrados, a maioria indicou ter prestado exame para outro curso, e estes dados são também confirmados no estudo de Nakamae (1989).

Tabela 8. Alunos que completaram outro Curso Superior e cursam Enfermagem-1993

Completaram outro Curso	1º Sem.		2º Sem.		3º Sem.		4º Sem.		5º Sem.		6º Sem.		7º Sem.		8º Sem.		9º Sem.		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Sim	-	-	-	-	2	11,8	-	-	3	7,4	2	6,9	-	-	4	16,7	4	19,1	15	5,4
Não	56	96,5	38	100	15	88,2	28	100	38	92,6	27	93,1	21	100	20	83,3	17	80,9	260	93,8
SR	2	3,5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	0,8
Total	58	100	38	100	17	100	28	100	41	100	29	100	21	100	24	100	21	100	277	100

Os dados da Tabela 8 mostram que 260 (93,8%) dos estudantes de enfermagem não têm outro curso superior, enquanto uma pequena minoria prestou vestibular para outro curso. Entretanto, Nakamae (1989) refere que o aluno ao ser inquirido sobre a escolha pela enfermagem, aponta a inclinação pela profissão, e que, entre os reprovados em outros cursos, ao tentarem ingressar, através do vestibular, se percebe que é expressiva a procura por ramos socialmente muito valorizados, como Medicina e Odontologia, bastante procurados e que põem dificuldades maiores para a aprovação de grande número de vestibulandos. Estes dados também são identificados nesta pesquisa, os quais serão divulgados posteriormente.

Tabela 9. Distribuição dos estudantes do 1º ao 9º semestre, segundo o local de residência. 1993

Residência	1º Sem		2º Sem		3º Sem		4º Sem		5º Sem		6º Sem		7º Sem		8º Sem		9º Sem		Total	
	Nº	%	Nº	%																
Casa dos pais	52	89,8	23	60,5	9	52,9	19	68,0	27	66,0	14	48,3	9	42,8	11	45,8	11	52,4	167	60,3
Sozinho	2	3,4	1	2,6	1	5,8	-	-	3	7,3	2	6,9	1	4,8	1	4,4	1	4,7	12	4,3
Cônjuge	1	1,7	4	10,5	1	5,8	3	10,6	3	7,3	6	20,7	7	33,3	4	16,6	4	19,1	32	11,6
Pensão	1	1,7	1	2,6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	0,7
Parente	1	1,7	7	18,6	5	29,7	6	21,4	6	14,6	6	20,7	3	14,3	4	16,6	4	19,1	51	18,4
República	1	1,7	1	2,6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	0,7
SR	-	-	1	2,6	1	5,8	-	-	2	4,8	1	3,4	1	4,8	4	16,6	1	4,7	11	4,0
Total	58	100	38	100	17	100	28	100	41	100	29	100	21	100	24	100	21	100	277	100

Percebe-se que 191 (69%) dos alunos amostrados na Tabela 9 apontam, como razões para escolha da profissão, inclinação pela profissão; 17 (6,1%) indicam influência de parentes, enquanto 15 (5,4%) procuraram o teste vocacional. Ao analisarmos esses dados, observa-se que a escolha por indicação de parentes nos deixa uma interrogação: Como será que esse profissional vai enfrentar o assistir ao paciente, as dificuldades da profissão, se a escolha desta foi realizada de acordo com o desejo de parentes?

Uma pequena percentagem de alunos, 53 (19,1%), deixou de responder qual o motivo que os levou a fazer Enfermagem. Isso nos induz ao seguinte questionamento: Será que o aluno sente-se confuso, inseguro?

Tabela 10: Expectativas dos alunos de enfermagem a respeito de suas oportunidades de emprego. 1993

Expectativas	1º Sem		2º Sem		3º Sem		4º Sem		5º Sem		6º Sem		7º Sem		8º Sem		9º Sem		Total	
	Nº	%	Nº	%																
Ótimas	3	5,1	2	5,3	-	-	2	7,1	7	17,1	1	3,5	2	9,5	1	4,1	3	14,2	21	7,4
Boas	24	41,4	18	47,3	13	76,4	14	50,0	19	46,4	11	37,9	9	42,8	12	50,0	11	52,3	131	47,2
Regulares	14	24,1	6	15,7	3	17,6	7	25,0	11	26,8	11	37,9	6	28,5	6	25,0	6	28,5	70	25,2
Ruim	1	1,7	2	5,3	-	-	-	-	1	2,4	2	6,9	-	-	1	4,1	-	-	6	2,0
Péssima	2	3,5	-	-	-	-	-	-	-	-	4	13,8	-	-	-	-	-	-	3	1,0
Não Sei	2	3,5	10	26,4	1	6,0	5	17,9	3	7,3	-	-	4	19,2	4	16,8	1	5,0	34	12,2
SR	12	20,7	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	14	5,0
Total	58	100	38	100	17	100	28	100	41	100	29	100	21	100	24	100	21	100	277	100

SR. Sem referência

Os dados da Tabela em epígrafe revelam que 131(47,2%) dos alunos da pesquisa qualificam a expectativa sobre oportunidade de emprego "boa," enquanto que 70 (25,2%) consideram as oportunidades de emprego "regular". Entretanto 34 (12,2%) referem que não conhecem a oportunidade de emprego no mercado de trabalho.

Tabela 11. Opiniões dos alunos de Enfermagem como pensam em exercer a profissão no ano seguinte à formatura. 1993

Opiniões	1º Sem		2º Sem		3º Sem		4º Sem		5º Sem		6º Sem		7º Sem		8º Sem		9º Sem		Total	
	Nº	%	Nº	%																
SP	12	20,6	7	18,4	3	17,6	1	3,6	5	12,1	2	6,8	3	14,2	7	29,1	7	33,4	47	17,0
SH	36	62,3	25	65,7	12	70,5	25	89,2	26	63,4	25	86,2	17	80,9	16	66,6	14	66,6	196	70,7
E.Enf.	2	3,4	1	2,6	-	-	1	3,6	7	17,2	1	3,5	-	-	-	-	-	-	12	4,3
N.P.E.	5	8,6	1	2,6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	2,2
Outra	3	5,1	4	10,7	2	11,9	1	3,6	3	7,3	1	3,5	1	4,9	-	-	-	-	15	5,4
SR	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	4,3	-	-	1	0,4
Total	58	100	38	100	17	100	28	100	41	100	29	100	21	100	24	100	21	100	277	100

Legenda: S.P. Saúde Pública S.H. Serviço hospitalar E.Enf. Escola de Enfermagem N.P.E. Não Pretende exercer, SR. Sem referência.

Percebe-se que 196 (70,7%) dos alunos pensam em exercer a profissão na área hospitalar. Ao analisarmos esta tendência, é provável que ela esteja relacionada ao processo de formação dos alunos de Enfermagem, que ainda passam por um modelo de ensino clínico, caracterizado pelo fortalecimento da atenção médica e hospitalar.

Tabela 12. Alunos que trabalhavam ou não antes de ingressar na Faculdade - 1993

Trabalho	1º Sem		2º Sem		3º Sem		4º Sem		5º Sem		6º Sem		7º Sem		8º Sem		9º Sem		Total	
	Nº	%	Nº	%																
Remunerado																				
Sim	3	5,2	8	21,0	3	17,7	7	25,0	11	26,8	8	26,6	6	28,6	11	45,8	5	23,8	62	22,4
Não	55	94,8	30	79,0	14	82,3	21	75,0	30	73,2	21	72,4	15	71,4	13	54,2	16	76,2	215	77,6
Total	58	100	38	100	17	100	28	100	41	100	29	100	21	100	24	100	21	100	277	100

Observa-se, na Tabela 12, que 215 (77,6%) dos alunos de Enfermagem, que estão cursando disciplinas, não têm trabalho remunerado, enquanto que 62 (22,4%) referem ter trabalho remunerado. Isso nos aponta que ainda existe um elevado percentual de alunos que vivem sob a tutela dos pais ou parentes.

Tabela 13. Distribuição dos alunos que contribuem ou não com as despesas da família. 1993

Contribuição	1º Sem		2º Sem		3º Sem		4º Sem		5º Sem		6º Sem		7º Sem		8º Sem		9º Sem		Total	
	Nº	%	Nº	%																
Despesas																				
Contribuo, mas não sou único	1	1,7	7	18,5	1	5,9	3	10,8	8	19,5	5	17,8	3	14,3	9	37,6	3	14,4	40	14,4
Responsável																				
Sou único																				
Responsável	1	1,7	1	2,6	-	-	1	3,5	-	-	-	-	1	4,8	1	4,1	1	4,7	6	2,2
Não Contribuo	56	96,6	30	78,9	16	94,1	24	85,7	33	80,5	24	82,2	17	80,9	14	58,3	17	80,9	231	83,4
Total	58	100	38	100	17	100	28	100	41	100	29	100	21	100	24	100	21	100	277	100

Denota-se dos dados da Tabela 13 que 83,4% (231) não contribuem com as despesas da família, enquanto 14,4% (40) contribuem com as despesas da

família, mas não é o único responsável pelo sustento. Isso nos leva a pensar que, de um modo geral, os estudantes de enfermagem têm uma condição sócio-econômica equilibrada não necessitando colaborar no orçamento da família.

Tabela 14. Distribuição dos alunos que recebem por mês algum auxílio financeiro. 1993

Auxílio	1º Sem		2º Sem		3º Sem		4º Sem		5º Sem		6º Sem		7º Sem		8º Sem		9º Sem		Total	
	Nº	%	Nº	%																
Salário	2	3,4	2	5,3	2	11,7	3	10,7	4	9,7	7	24,1	6	28,6	7	29,0	1	4,7	34	12,3
Mesada	45	77,6	20	52,6	10	5,9	19	67,8	23	56,1	13	44,9	11	52,4	12	50,0	11	52,4	164	59,2
Comissão	-	-	2	5,3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	0,7
B.T.	-	-	3	7,9	1	5,9	4	14	1	2,4	2	6,9	-	-	2	8,8	3	14,3	13	4,7
B.E.	-	-	2	5,3	-	-	-	-	1	2,4	-	-	-	-	3	12,5	-	-	6	2,2
Outro	1	1,7	3	7,9	3	17,6	1	5	2	4,8	5	17,2	2	9,5	-	-	1	4,7	18	6,4
SR	10	17,3	6	15,8	1	5,9	4	14	10	24,6	2	6,9	2	9,5	-	-	5	23,9	40	14,5
Total	58	100	38	100	17	100	28	100	41	100	29	100	21	100	24	100	21	100	277	100

B.T. Bolsa de Trabalho B.E. Bolsa de Estudo SR. Sem referência

Os dados revelam que 164 (59,2%) dos alunos amostrados na pesquisa recebem mesada dos pais; apenas 12,3% (34) recebem salário proveniente de seu trabalho; 4,7% (13) têm bolsa de trabalho e 6,5% (18) recebem de outras fontes que não especificaram. Percebe-se que, na Tabela anterior, 14,4% (40) contribuem com as despesas da família; no entanto, pode-se evidenciar nesta Tabela que somente 12,3% (40) recebem salário. Isso nos deixa com o seguinte questionamento: será que os alunos que recebem bolsa de trabalho e/ ou bolsa de estudo contribuem com a despesa familiar?

Tabela 15. Trabalho remunerado exercido pelo estudante antes de ingressar na Universidade. 1993

Trabalho remunerado	1º Sem		2º Sem		3º Sem		4º Sem		5º Sem		6º Sem		7º Sem		8º Sem		9º Sem		Total	
	Nº	%	Nº	%																
Não Trabalhava	55	94,8	33	86,8	13	76,4	24	85,7	33	80,5	24	82,7	17	80,9	17	70,8	18	85,7	234	84,5
Trabalhava	2	3,4	5	13,2	4	23,6	4	14,3	8	19,5	5	17,3	4	19,1	6	25,0	3	14,3	41	14,8
SR	1	1,8	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	4,2	-	-	2	0,7
Total	58	100	38	100	17	100	28	100	41	100	29	100	21	100	24	100	21	100	277	100

Observa-se, na Tabela 15, que 84,5% (234) dos estudantes não exerciam atividades remunerada, representando a grande maioria, enquanto que 14,8 (41) exerciam atividade remunerada que poderá ou não ser conciliada com o Curso que ocupa o estudante em tempo integral.

Tabela 16. Alunos que concluíram o 2º Grau, por semestre, e estão cursando enfermagem. 1993

Curso	1º Sem		2º Sem		3º Sem		4º Sem		5º Sem		6º Sem		7º Sem		8º Sem		9º Sem		Total	
	Nº	%	Nº	%																
Colegial	52	89,7	35	92,1	14	82,4	25	89,3	35	85,3	28	96,5	13	61,9	17	70,8	13	61,9	232	83,7
Magistério	1	1,7	1	2,6	-	-	1	3,6	1	2,5	-	-	1	4,7	1	4,2	-	-	6	2,2
Técnico	-	-	2	5,3	3	17,6	2	7,1	-	-	-	-	6	28,7	6	25,0	4	19,1	23	8,3
Outros	5	8,6	-	-	-	-	-	-	5	12,2	1	3,5	1	4,7	-	-	2	9,5	14	5,1
SR	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	9,5	2	0,7
Total	58	100	38	100	17	100	28	100	41	100	29	100	21	100	24	100	21	100	277	100

Legenda: SR- Sem resposta

Na Tabela acima, percebe-se que 83,7% (232) alunos concluíram o Colegial, ou seja, o atual ensino do 2º Grau. O curso técnico ou profissionalizante foi representado por 8,3% (23) dos estudantes. Denota-se que alguns dos estudantes procuram o curso profissionalizante, pois lhes dá condições de trabalhar antes de ingressar em uma Universidade, embora se constate que a maioria procure fazer o Colegial. Conforme tabelas anteriores, esses alunos estão em sua maioria sob a tutela de seus pais.

Tabela 17. Alunos, por semestre, que ingressaram na Universidade logo após ter concluído o 2º Grau.

Curso	1º Sem		2º Sem		3º Sem		4º Sem		5º Sem		6º Sem		7º Sem		8º Sem		9º Sem		Total	
	Nº	%	Nº	%																
I.A. Concluir o 2º Grau	36	62,0	20	52,8	9	53,0	20	71,4	31	75,6	19	65,5	13	61,9	13	54,2	13	61,9	174	62,8
+ 1 Ano	17	29,3	14	36,8	6	35,4	5	17,9	8	19,6	10	34,5	1	4,8	5	20,8	6	28,6	72	26,0
+ 2 Anos	2	3,5	-	-	1	5,8	-	-	1	2,4	-	-	6	28,5	-	-	-	-	10	3,6
SR	-	-	1	2,6	1	5,8	1	3,6	-	-	-	-	-	-	2	8,4	-	-	4	1,5
Total	58	100	38	100	17	100	28	100	41	100	29	100	21	100	24	100	21	100	277	100

Legenda: I.A. Imediatamente após.

Constata-se, na Tabela 17, que 174 (62,8%) estudantes do total de 277, ingressaram na Faculdade logo após o término do 2º Grau, enquanto 72 (26,0%) ingressaram após um ano de concluir o 2º Grau. Desta forma, acredita-se que um grande número de alunos provavelmente acumulou conhecimentos durante o período de estudo no 1º e 2º Graus, ingressando imediatamente no curso almejado.

Tabela 18. Grau de Instrução da mãe dos alunos de enfermagem no ano de 1993

Grau de Instrução	1º Sem		2º Sem		3º Sem		4º Sem		5º Sem		6º Sem		7º Sem		8º Sem		9º Sem		To- tal	
	Nº	%	Nº	%																
Analfabeta	-	-	-	-	-	-	1	3,5	1	2,4	1	3,5	1	4,7	-	-	-	-	4	1,4
Alfabetizada	4	6,8	3	7,8	1	5,8	2	7,1	1	2,4	6	20,7	2	9,6	1	4,2	3	14,4	23	8,4
Primário Completo	4	6,8	2	5,2	4	23,5	2	7,1	2	4,8	1	3,5	5	23,8	5	20,8	1	4,7	26	9,4
1º Grau Completo	4	6,8	2	5,2	2	11,7	5	13,1	6	14,6	3	10,3	3	14,3	4	16,7	-	-	26	9,4
1º Grau Incompleto	5	8,6	1	2,6	2	11,7	3	10,7	5	12,6	6	20,7	-	-	3	12,5	1	4,7	23	8,4
2º Grau Completo	18	31,6	21	55,6	5	29,8	8	28,5	15	36,5	6	20,7	6	28,6	7	29,1	10	47,7	96	34,6
2º Grau Incompleto	1	1,7	2	5,2	1	5,8	1	3,5	3	7,3	3	10,3	2	9,6	-	-	1	4,7	17	6,1
Superior Completo	16	27,5	6	15,8	2	11,7	6	26,5	3	7,3	2	6,8	1	4,7	3	12,5	4	19,1	44	15,8
Superior Incompleto	4	6,8	-	-	-	-	-	-	2	4,8	-	-	1	4,7	1	4,2	-	-	10	3,6
SR	2	3,4	1	2,6	-	-	-	-	3	7,3	1	3,5	-	-	-	-	1	4,7	8	2,9
Total	58	100	38	100	17	100	28	100	41	100	29	100	21	100	24	100	21	100	277	100

Observa-se, na Tabela 18, que 96 (34,6%) das mães dos alunos amostrados concluíram o 2º Grau, enquanto 44 (15,8%) das mães têm curso superior completo. Percebe-se que uma grande percentagem dos estudantes já têm uma história anterior de curso universitário, portanto, isso poderá expressar um incentivo aos estudantes para a ascensão profissional.

Tendo em vista o objetivo do estudo caracterizar o perfil do estudante de enfermagem da Universidade Estadual do Ceará, neste estudo procuramos destacar alguns aspectos que remetem à discussão dos resultados.

Sintetizando os aspectos mencionados na pesquisa, pode-se apontar os seguintes:

Os alunos são, em sua maioria, do sexo feminino (88,8%). Isso não é um dado novo, pois desde o surgimento da Enfermagem no Brasil a categoria que mais predominava na área de Enfermagem era a do sexo feminino. Historicamente, a mulher era considerada desvalorizada, pois não tinha direito a voto, era considerada doméstica, enquanto que a força de trabalho do homem era um marco importante para a guerra e para aumentar os meios de produção. Nesse sentido, a mulher, sendo considerada frágil e desvalorizada, era aproveitada em serviços elementares que não representassem "status" social.

A faixa etária está entre alunos com menos de 20 anos de idade, 28,8% (80), faixa essa ainda considerada adolescência, momento de conflitos de

identidade, mudanças de papéis, auto-afirmação, e é nesse momento que o aluno faz a escolha para a profissão que muitas vezes não traduz o que ele realmente deseja. Isso foi confirmado quando perguntamos ao aluno: por que você optou por fazer Enfermagem? Um grande percentual deixou de responder e outros responderam que era por motivos econômicos. 177 (63,9%) estavam na faixa etária de 20 a 29 anos (Tabela 2).

Evidencia-se que 167 (60,3%) dos estudantes vivem sob a tutela dos pais, enquanto 12 (4,3%) vivem em república ou sozinhos. Isso nos leva a pensar que a emancipação da mulher ainda está por acontecer, pois as alunas dessa amostra, em sua grande maioria, vivem sob a tutela dos pais ou parentes, indicando assim a persistência de traços culturais paternalistas, de proteção absoluta aos filhos, tirando-lhes a iniciativa de se auto-sustentarem.

Os dados da Tabela 5 mostram que 245 (88,4%) dos alunos vivem em casa própria, o que denota que esses alunos são de situação econômica favorecida, pois a maioria do povo brasileiro não tem condições de ter uma casa própria, devido às desigualdades sociais que afeta a população de baixa renda.

Os dados da Tabela 6 revelam que 129 (46,5%) dos alunos estudaram em cursinho para ingressar na Enfermagem. Isso leva a uma reflexão: será que a escola brasileira de 1º e 2º grau está preparando, adequadamente, o aluno para ingressar no mundo universitário? Essa é uma questão que todos nós devemos refletir. Será que a universidade também está cumprindo o seu papel de educador e formador de senso crítico desses alunos, que estão vivenciando o processo de educar e pesquisar para aprender? 134 (48,3%) dos alunos não frequentaram cursinho. Existe um equilíbrio entre os que ingressaram na universidade tendo frequentado cursinho e os que não frequentaram.

Observa-se, à luz dos dados da Tabela 8, que 260 (93,8%) dos alunos amostrados prestaram vestibular para outros cursos em outras instituições, daí a preocupação se esses alunos estavam seguros de sua opção pela Enfermagem, ou essa escolha se deu só para ter a oportunidade de ingressar na Universidade, pois ser universitário representa um "status".

Percebe-se uma certa contradição nas respostas, quando esses alunos colocam que escolheram a profissão por inclinação 191 (69,0%), mas na Tabela 8 revelaram que realizaram vestibular para outros cursos. Dos alunos que compartilharam da pesquisa, 53 (19,1%) deixaram sem resposta a questão e somente uma pequena percentagem optou pela profissão, fazendo o teste vocacional, 5,4% (15).

Os dados da Tabela 11 mostram que os alunos pensam exercer a profissão na área hospitalar. Essa tendência já era de se esperar, pois o paradigma ainda vigente nas escolas de enfermagem brasileiras ainda é o modelo hospitalocêntrico, voltado para os aspectos biológicos, esquecendo-se

de que o ser humano é multidimensional, portanto é um ser que transcende os aspectos clínicos, tendo que ser compreendido como um indivíduo que integra uma sociedade cheia de conflitos e contradições. Esse desvelar do ser humano como parte integrante da sociedade é que precisa ser encarado pelos que fazem a saúde, principalmente no sistema educacional que tem forte influência no pensar e fazer. Portanto, essa tendência pela área hospitalar não acontece por acaso na UECE, mas passa pela concepção dos docentes de como ele encara a realidade, pelas políticas sociais e por determinantes estruturais. Esse paradigma poderá ser superado se houver vontade política e um esforço coletivo.

Os dados da Tabela 12 denotam que 215 (77,6%) dos alunos não têm trabalho remunerado, o que vem fortalecer a idéia da proteção dos pais, como um forte fator cultural em nossa sociedade.

Dos amostrados na Tabela 13, 231 (83,4%), não contribuem com a despesa da família, havendo um pequeno percentual de 46 (16,6%) que revelaram contribuir na renda familiar.

Das respostas apontadas pelos alunos de Enfermagem, 164 (59,2%) recebem mesada dos pais. Os dados da Tabela 13, confrontados com os da Tabela 12, evidenciam uma contradição: 215 (77,6%) dizem que não têm trabalho remunerado, no entanto 59,2% apontam que recebem mesada e 26,3% recebem outros proventos, como bolsa de pesquisa e de trabalho. Isso nos leva a seguinte reflexão: os alunos bolsistas utilizam o dinheiro da bolsa para despesas familiares ou para recursos que aprofundem seus conhecimentos, tais como livros, entre outros? Observa-se que 234 (84,4%) dos alunos não tinham trabalho remunerado antes de ingressar na Universidade.

Os dados da Tabela 18 revelam que os 200 (72,2%) alunos que ingressaram no Curso de Enfermagem fizeram vestibular uma vez.

Considera-se que os aspectos anteriormente referidos e já analisados conduzem a levantar hipóteses acerca da relevância deste estudo, sobretudo enquanto contribuição para um debate, seja em relação ao estudante, ao processo educacional ou a propósito de subsídio para uma reflexão a nível curricular. Portanto, sintetizando o estudo como marco fundamental no processo de educar e fazer enfermagem, estudos de perfil de aluno servirão como suporte à estruturação de currículos e planos de ensino e contribuirão com a seleção de critérios de avaliação de aprendizagem do aluno.

ABSTRACT: The study approaches the main characteristics of nursing students concerning demographic aspects, demographic mobility, instruction level, occupational situation, attendance to another University Course, information about career and the opportunity of work among other items. As an instrument to collect data, we have used a questionnaire with open and closed questions. The data analysis was based on the students' answers, having as a direction a critical view on these data, which have been compiled in tables. The research outcome revealed that most nursing students are female (88%); 57% come from Fortaleza - CE and 60.2% still live under their parents' guardianship. From the investigated students 18.7% parents have graduated from a University and 88.4% have lived in rented houses.

KEYWORD: Profile - Nursing Students.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

1. BOLL et al. Qual é o perfil do estudante de enfermagem da UFRGS. *R. Gaucha de Enferm.*, Porto Alegre, v.9, n.2, p.118-124, dez. 1988.
2. CALDAS, Marcia Alvarenga de Mello. *Pensamentos e experiências na área de saúde de pessoas que vivenciam o adolescer*. uma abordagem fenomenológica. São Paulo, 1991. 186p.
3. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Médio dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
4. FERREIRA-SANTOS, Célia Almeida. *A Enfermagem como profissão: Estudo num Hospital Escola*. São Paulo: Pioneira. 1973.
5. ROLIN, Eni de Jesus; TAVARES, Maria Solange Guarino; FRANCO, Lais Helena R. O. & OLIVEIRA, Francinete de Lima. *Perfil do aluno ingressante nos cursos de ensino Superior de Enfermagem do Estado de São Paulo-1993*. São paulo, 1993. 18p. (mimeografado)
6. MANZOLLI, Maria Cecília & MONTELEONE, Z. Caracterização do estudante de enfermagem. *Enf. Novas Dimens.*, São Paulo, v.3, n.4. p.206-14, jul./ago., 1977.
7. NAKAMAE, Djair Daniel & COSTA, Maria Lúcia A. S. *Semelhanças e as diferenças de perfil de estudantes de escolas de enfermagem oficiais e particulares da Região de Grande São paulo*. São Paulo, 1988. 30p. (mimeografado)
8. NAKAMAE, Djair Daniel & COSTA, Maria Lúcia A. *Mudanças de Perfil do estudante de Enfermagem de São Paulo em quinze anos- 1973 a 1988*. São Paulo, 1989, 65p. (Mimeografado).

9. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE LA SALUD. *El embarazo y el aborto de la adolescência*. Ginebra, 1975. p.10 (Série de informes técnicos).
10. PASTORE, J. & PEROSA, G. G. *O estudante Universitário em São Paulo*. Instituto de Pesquisas da USP, 1971(Mimeografado).
11. PIRES, Denise. *Hegemonia Médica na Saúde e a enfermagem: Brasil 1500 a 1930*. São Paulo: Cortez, 1989. 155p.
12. SCHMIEDELK, R.A. Adolescent Identity formation and the organizational structure of Highs Schools. *Adolesce*. V.4, n. 14, p.191-6, 1979.